

MATEUS
10

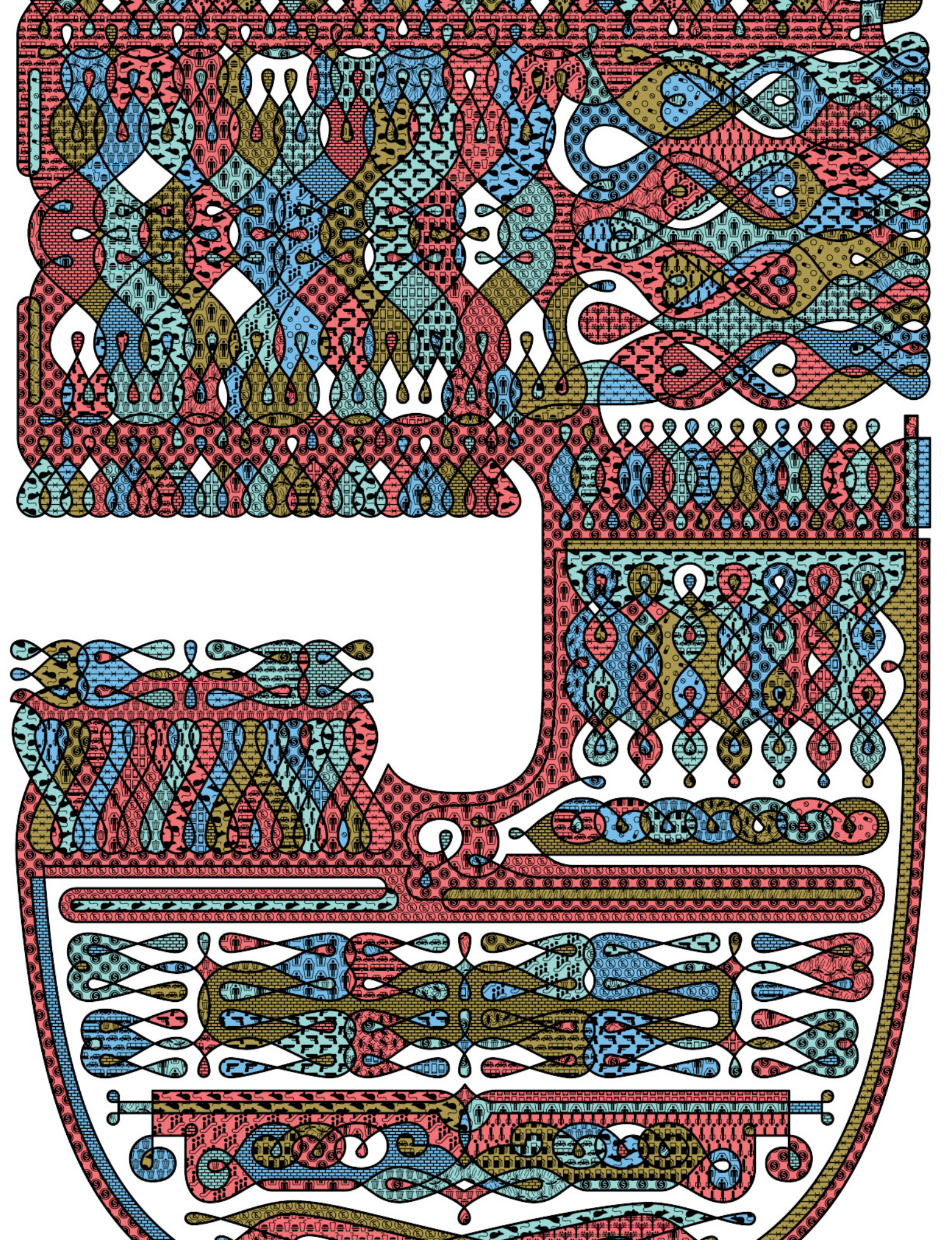
MARCOS
34

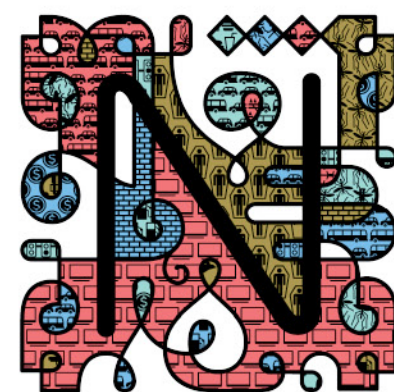
LUCAS
50

JOÃO
70

MATEUS,
MARCOS
LUCAS
E JOÃO
88

JOÃO





O PRINCÍPIO

**ERA A MULHER,
E, DA MULHER,**

nasceu a beleza.
E a mulher bela era
divina.

Mas não há be-
leza sem um bum-
-bum durinho ou

uma coxa firme.

É neles que pulsa a vida. E a vida é a luz dos
homens.

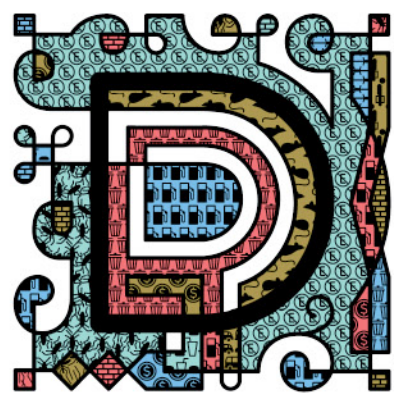
Então a beleza fez-se produto.

E, como a beleza é divina, Deus fez-se produto.

IN! Creme anticelulite com óleo de oliva e ati-
vos minerais do Mar Morto.

Agora, todos temos acesso a Deus. Em emba-
lagens individuais ou em promo packs, nos quais
você ganha uma exclusiva nécessaire.

IN! Você, linda, agora!

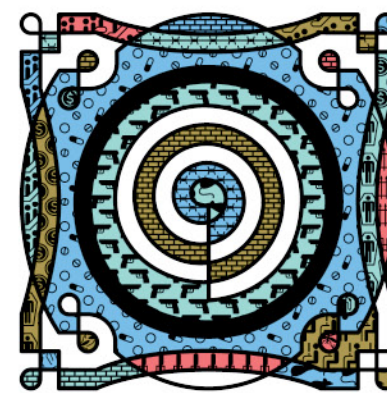


Desde o lançamento do produto, era clara sua eficácia. O conceituadíssimo esteticista JB, por exemplo, não precisou nem testar a amostra do creme que recebera para classificá-lo como milagroso. Bastou olhar para o tubinho que reluzia em sua mesa: “É ele”. Ergueu-o com as mãos exaltadas e saiu pregando para o mulherio que aguardava atendimento na espelhada recepção de sua clínica: “É ele! Ele chegou! Meninas, ele chegou!”



O furor foi ainda maior quando IN! fez sua estreia oficial na Cosmetic Fair. No pavilhão — “o templo máximo da beleza”, dizia a faixa à sua entrada —, IN! horrorizou-se ao deparar com uma profusão de stands cafonérrimos, abarrotados por frascos que muito prometiam mas nada entregavam em termos de resultados, descarados caça-

-níqueis a enganarem os consumidores. Ele viera para destruir tamanha farsa, afirmava através de um folheto take one distribuído no evento. A concorrência, ainda zombeteira quanto à desconhecida marca, gargalhava arrogante: “Jura? Destruir tudo? Esse creminho obscuro? Como?” Mas a equipe IN! convocou a faxineira do local — já pra lá dos sessenta — que, deitada na esteira, viu-se livre de toda a celulite numa só aplicação, deixando a plateia abismada ante tamanha demonstração de poder.

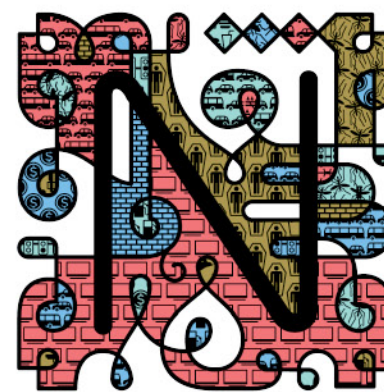


medo cresceu ainda mais quando os primeiros dados do segmento mostraram que o quiosque IN!, instalado num shopping center, já atraía mais gente do que a sempre lotada clínica de JB. Bem na boca da escada rolante, o sagrado espaço realizava curas diárias sem distinção de idade, classe social ou etnia — desde que, claro, se pagasse pelo tratamento.

Parece algo desnecessário de ser ratificado — afinal, aquilo ali não era uma ONG — mas, ainda assim, sempre surgia um ou outro atrás de encrenca. Como a cliente que, quase pronta para a aplicação

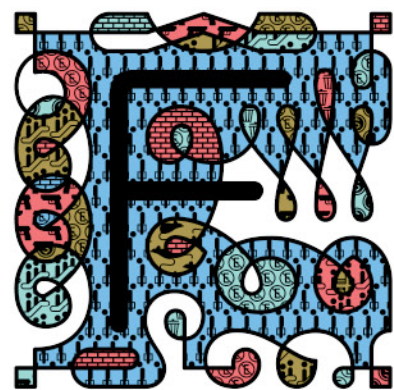
do creme, instruiu seu acompanhante a pagar pela consulta. “Eu?” retrucou o moço, indignado. Movendo apenas o dedo indicador, ela fez um biquinho indicando que sim. Ele mesmo. “Que beleza! Você recebe pensão de três ex-maridos e eu, que nem marido sou, tomo prejuízo?” Tauanne — era esse o nome dela — seguia balançando o dedo. “Ah, mas não vou pagar nada, não! Não mesmo!” Os consultores de beleza IN!, dispostos a apaziguar os ânimos, chamaram o inflexível rapaz de canto e explicaram que ele também se beneficiaria de uma namorada com pernas lisinhas e firmes. Foi quando Tauanne, que percebera onde os consultores queriam chegar, levantou-se furiosa da esteira — mesmo coberta apenas por uma toalha — e passou a gritar: “Tão pensando o quê, bando de machistas? Meu corpo não é propriedade desse aí, não! Meu corpo é minha propriedade! Ele vai pagar porque é cavalheiro, gentil. Não porque é meu dono!” Surpreso, o rapaz reagiu: “Você está querendo dizer que anda saindo com mais gente?” Tauanne ergueu o queixo, desafiadora: “Isso, darling, é problema meu! Não te passei minha escritura, não, fofo!” Com as bochechas cada vez mais vermelhas, ele se descontrolou: “Pirranha! Mas você é mesmo uma piranha! Bem que o Carlão me avisou! Agora me fale: quantos? Quantos outros caras?” Tauanne não se intimidou. “Quanto eu quiser, tá? Quanto eu qui-ser!” Para evitar uma agressão iminente, os consultores agarraram

o rapaz pelos braços, imobilizando-o, enquanto este berrava: “Ah é? Então tá! Liga pra todos eles agora e a gente faz uma vaquinha para pagar essa merda! Cada um paga sua parte! Sozinho não pago, não! Não sou trouxa! Não sou trouxa!” Foi quando Tauanne, numa mudança súbita de atitude, vestiu um sorrisinho, caminhou até o rapaz e cochichou algo em seu ouvido que, aparentemente, não apenas o acalmou como o deixou bastante animado. Ele respondeu com um doce “Jura?”, ela fez que sim, e o trouxa pediu aos consultores que o soltassem para que pudesse sacar o cartão, enquanto uma satisfeita Tauanne voltava assobiando para sua esteira.



outro dia, uma equipe médica passava apressada pelo shopping, carregando uma perna recém-amputada. Porém, ao alcançarem o quiosque IN!, se perguntaram: pernas amputadas não teriam direito à beleza? E a entregaram aos consultores de beleza que, num instante, livraram a peça do efeito casca de laranja. Então, sem perder um segundo sequer, os médicos retiraram a perna da esteira e saíram correndo novamente. Agora, o paciente que

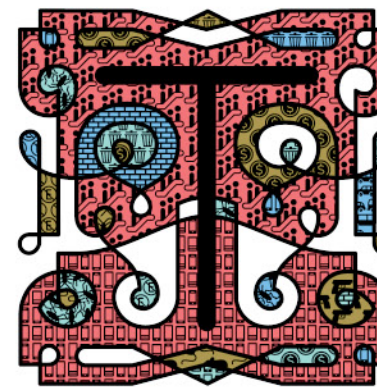
aguardava na mesa de operações não apenas teria sua perna reimplantada, como a receberia novinha em folha. Bastaria, após a alta, retornar ao quiosque para aplicar IN! na outra perna e, com isso, harmonizar o conjunto.



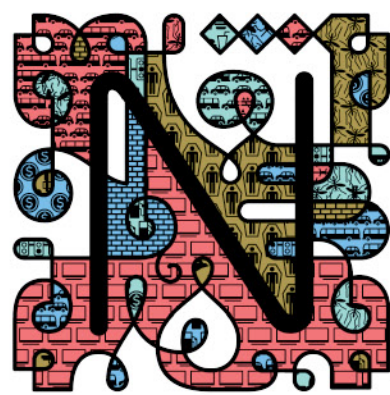
Foi quando uma família se aproximou trazendo um pedido pouco usual: a aplicação do creme num cadáver. A mãe dos dois jovens — e esposa do senhor que os acompanhava, todos em graves óculos escuros — falecera no dia anterior. Dona Lazinha sempre havia sido uma mulher muito vaidosa desde que, nos anos oitenta, comprara a coleção “Ginástica com Jane Fonda” em VHS. Por que não, em sua última aparição pública — o velório, que começaria dali a duas horas — mantê-la bela? Será que IN!, que curara uma perna amputada, não poderia também embelezar as coxas de dona Lazinha, para que a pobre senhora pudesse vestir sua minissaia favorita na hora do adeus?

Os consultores, tocados pela solicitação, se dirigiram ao cemitério. Logo que entraram na sala onde repousava o corpo de Dona Lazinha, até en-

tão fechada para visitação pública, Pedro exclamou: “Que cheiro horrível!” Porém, envergonhado pela colocação inadequada, fechou a boca e limitou-se ao exercício de sua missão. Logo, as pernas de Dona Lazinha reluziam em esplendor, ainda que o contraste destas com os tufos de algodão em suas narinas fosse, no mínimo, um tanto perturbador.



Todas essas notícias chegavam aos ouvidos dos concorrentes que, atônitos, se perguntavam: “O que faremos? Se deixarmos as coisas caminharem assim, logo todas as consumidoras acreditarão nesse creme anticelulite e perderemos nosso lugar. Pelo bem da indústria cosmética, precisamos liquidá-lo”. E, desde aquele dia, passaram a se comunicar diariamente a fim de encontrar a melhor estratégia para o assassinato de IN!

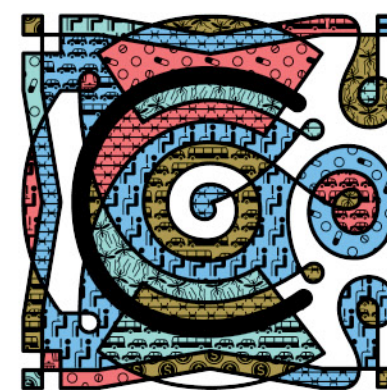


um fim de tarde, os doze consultores de beleza realizavam uma importante reunião no escritório da empresa quando um deles, o judas, pediu licença para ir ao banheiro rapidinho.

Toda quinta era a mesma coisa, não conseguia resistir à costelinha de porco do Macedo's. Desta vez, porém, havia exagerado e o intestino não aguentara tanta pimenta. Mas, antes que terminasse a dissertação, foi interrompido por Pedro, sempre muito sensível a descrições escatológicas: "Vai, vai logo no banheiro e, por Deus, me poupe desses detalhes desagradáveis".

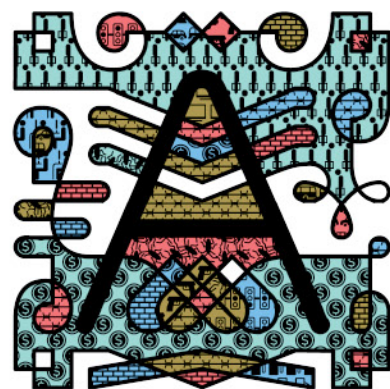
Meia hora depois, nada de ele voltar. Pedro, então, comentou com Tiago Tigrão que a coisa devia estar feia. Tigrão ensaiou uma animada resposta sobre o tema mas, logo que pronunciou a palavra "diarreia", um enjoado Pedro o cortou: "Porra, Tigrão! Eu passo mal só de ouvir essas coisas, você sabe! Deixa o cara e foca na reunião!"

Mal sabiam que o judas não havia se entupido de pimenta no almoço, mas sim de dinheiro sujo. Em segredo, combinara com a concorrência de adulterar dados da formulação de IN! e denunciar o produto à Anvisa.

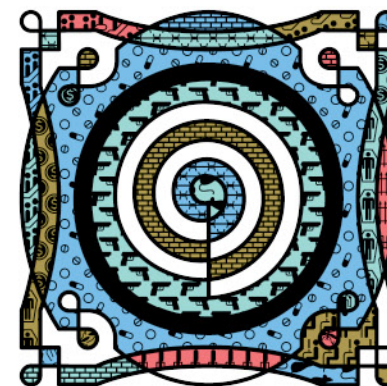


Com o estômago embrulhado após tantas menções a desarranjos intestinais, Pedro saiu da sala para tomar uma água, lavar o rosto e, desse modo, tentar se livrar daquelas ima-

gens asquerosas. Por isso, não assisti à dezena de fiscais que penetrou violentamente no local, trazendo consigo uma ordem judicial contra IN! "após denúncia recebida nesta sexta-feira acerca de adulteração na formulação do referido produto para que este fosse registrado como se de Grau I quando a presença de dimetilpentilamina em sua fórmula exigia que o mesmo fosse classificado como Grau II".



o perceber o que ocorria, Pedro tentou agir como se não tivesse qualquer ligação com o assunto e desceu até o hall, no térreo, onde pôde observar os fiscais saindo do elevador com o tubo confiscado de IN! Contudo, ao passar de ladinho pela catraca — evitara usar seu crachá, com medo de ser reconhecido e autuado — o segurança do edifício indagou: “O senhor está sendo preso também, seu Pedro?” Num nervoso menear com a cabeça, ele negou e misturou-se à multidão que, da calçada, acompanhava o desenrolar daquela confusão. Novamente foi questionado: “Você é dessa empresa mutreteira aí, não é?” Cada vez mais apreensivo, continuou a negar. Então, a faxineira do prédio passou por ele e também o acusou: “Você não é o cara que usa o banheiro feminino?” A verdade é que Pedro tinha nojo do banheiro masculino e sempre utilizava, escondido, o feminino. “Bem mais limpinho”, concluía, em silêncio, para si mesmo. Completamente apavorado por ver revelado seu segredo, esbravejou com a mirrada senhora: “Banheiro feminino? Eu? A senhora está me estranhando? Eu não! Eu não!” E, apressado,



afastou-se da aglomeração chorando amargamente. Se a notícia de que usava o banheiro feminino se espalhasse, o que o pessoal iria pensar dele?

supervisor chefe da Anvisa recebeu a denúncia apenas no dia seguinte, sexta-feira, já que toda quinta encerrava às duas da tarde. “Ora, ora, também sou filho de Deus!” Com um ar cansado, afirmou aos fiscais que já havia outro requerimento pendente, um shampoo testado em animais. “Vocês estão vendo aqui na mesa. Dois requerimentos. E eu sou um só! Um só!” O grupo, porém, insistiu. “Então tá. Se querem que eu proíba esse creme anticelulite, eu proíbo. Passem a papelada, que estou cansado para levantar daqui da cadeira. A caneta também. Isso, obrigado.” E, enquanto vistava as páginas do processo, completou: “Mas, por hoje, é só esse, hein? Só esse”.

Por que as pessoas precisavam complicar tanto? Serem frescas e preguiçosas como Lucas? Ou vaidosas como João, esquisitas como Mateus? Por que abriam a boca para falar tanta besteira? Era impossível estabelecer qualquer conversa interessante com aquela turma do trabalho. Impossível.

E ninguém podia acusar Marcos de não tentar. Pois ele tentava. Como quando, mês passado, seguia num táxi com Lucas a caminho de uma reunião. Gastara mais da metade do trajeto descrevendo empolgadíssimo para o colega seu novo home theater, trazido direto de Miami. Subwoofer S8W2, 1330 W HDMI, móvel pivotante e caixas motorizadas que desciam do teto, formando um ângulo de 45 graus com o forro de gesso de sua sala — apenas um breve resumo para provar a você, leitor, o quão incrível era a aquisição. Mas, ao invés de se animar com um assunto tão interessante, adivinhe o que o gordinho respondeu?

— Ultimamente, ando gostando muito de melancia.

Parece mentira, mas foi isso mesmo:

— Ultimamente, ando gostando muito de melancia.

Como não havia nenhuma mesa por perto para ser esmurrada, Marcos esmigalhou o jornal em suas mãos e, quando se preparava para recomendar usos pouco ortodoxos para a melancia de Lucas, o chef começou a saltitar no banco do carro,

apontando excitado para a calçada:

– Olha, olha, olha!

Marcos olhou. E tudo o que enxergou foi um magrelo mirrado, de cabelo chanel, tocando a campainha de um prédio.

– Olha, olha, olha!

– Olha o quê, figura?

– Não está reconhecendo?

– Não.

– Não?

– Não!

– É o Emerson Fittipaldi, Marcão!

– Aquele cara?

– Sim! O Fittipaldi!

Era ele mesmo. Marcos não conseguiu pensar em nada além de “como é narigudo”. Já a mente de Lucas, sempre altamente inflamável ao mínimo contato com qualquer substância considerada famosa, fervia em ebulição:

– O que ele deve estar indo fazer num prédio em Perdizes?

– Sei lá, Luqueta. Vai ver ele mora aí.

– O Fittipaldi? Nesse predinho? Imagina! O Fittipaldi é milionário, Marcão! Milionário!

– Visitando um amigo, então?

– Um amigo? Mas... Peraí! Peraí, Marcão!! – e seus olhos cintilavam. – É o prédio do Tom Zé, cara! O prédio do Tom Zé!!

– De quem?

– Do Tom Zé!

– Não conheço.

– Você está me zoando, né? O Tom Zé!

Para desespero de Lucas, Marcos, seguia com seu lacônico “não conheço” enquanto dizimava as poucas páginas sobreviventes do jornal:

– O Tom Zé? Não conhece o Tom Zé? Como assim, Marcão? O músico, cara! Tropicalismo. Gil, Caetano! Como alguém não conhece o Tom Zé?

– Já disse, não conheço. Canta uma música dele, aí.

– Uma música?

– Sim. Se ele é músico, ele compõe músicas, não? Canta uma.

– Uma música do Tom Zé? Assim, no susto, não me lembro.

– Ah, tá... E como você sabe que esse Zé mora aí?

– Como eu sei? Que pergunta. Cultura, cara. Saber das coisas é cultura. Saber das coisas importantes. Cultura. Sou bem informado, sei das coisas.

– Ah, tá... – E, enquanto Marcos tentava desamassar o caderno de veículos, Lucas seguiu, em êxtase, por mais meia hora de trânsito:

– O que será que Emerson Fittipaldi foi fazer na casa do Tom Zé? O que será que Emerson Fittipaldi foi fazer na casa do Tom Zé? O que será que Emerson Fittipaldi foi fazer na casa do Tom Zé?

O que Emerson Fittipaldi foi fazer na casa de Tom Zé não interessava Marcos. Ao contrário desse bando de problemáticos, que precisavam fugir da cidade natal, fingir serem indolentes playboys ou papais sabichões, Marcos estava tranquilo consigo mesmo. Desde 1996, perfeitamente tranquilo consigo mesmo.

Porque nada mudara desde 1996. Nada. Olhava-se no espelho e ainda via um garotão de vinte anos. Bronzeado, confiante. Por algum misterioso processo, ocorrido entre seu globo ocular e seu cérebro, tanto a barriguinha quanto os tu-fos de cabelo branco desapareciam por completo. E Marcos vislumbrava apenas um garotão bronzeado, confiante.

Desde 1996, descrevia a praia, que frequentava fim de semana sim, fim de semana não, do mesmo modo. Aquele que, simultaneamente, passasse os olhos pela orla, estranharia tamanha dissociação entre as belezas narradas por Marcos e os quiosques amontoados, entrecortados por riachos de esgoto desembocando num mar turvo. Mas ele não enxergava nada daquilo. Nada mudara. Vestia as mesmas roupas, ouvia as mesmas músicas. Falava as mesmas gírias.

Criara uma espécie de imunidade a qualquer circunstância externa. Uma proteção que mantinha intactas as firmes certezas e as possibilidades ilimitadas da juventude para que estas não se-

guissem seu curso natural e fossem, uma a uma, varridas. Não, nada fora gasto. Marcos apresentava-se novinho em folha. Impetuoso, a socar mesas, estraçalhar jornais e gritar com quem quer que o contrariasse. Para não arranhar a pintura nem amassar a lataria, evitara transformar acontecimentos potencialmente traumáticos, como o fim de dois casamentos ou a morte da mãe, nos grandes marcos de sua vida. Pelo contrário, optara por redigir sua linha do tempo de modo mais pragmático, marcada apenas por avanços – de preferência financeiros ou tecnológicos. 2007, terraço gourmet. 2010, Tucson blindada. 2014? O sensacional home theater.

Fossilizara o garotão de vinte anos, seguro de que tudo era possível. De que as conquistas estavam, todas, por vir. E nada, nunca, iria embora.

Claro, sempre haverá algum ranzinza para chiar, e retrucar que tanto o Marcos de 1996 quanto o mundo à sua volta não existem há tempos. E que, por isso, tudo o que ele fez por duas décadas foi apenas negar a vida que lhe acontecia – ainda que esta insistisse em acontecer mesmo assim – o que o tornava, à exceção da SUV blindada e dos aparelhos de última geração, uma mera ficção. Ora, preferiam o quê? Vê-lo se arrastando, a lamentar finitude, perdas, limites? Para terminar igual a Mateus, Lucas, João e tantos outros? Não, não. Ele não. E basta de explicações ou justificativas.

Porque, se nos alongarmos só um pouquinho mais, terminaremos por concluir que, se é pra viver como Marcos, mais vale vir ao mundo como uma beterraba – que nasce e morre livre de todas essas lamúrias existenciais – do que como ser humano.